



CAROLINE EMANUELY DA SILVA

**ENDIVIDAMENTO E QUALIDADE DE VIDA: Um estudo na
cidade de Naviraí**

Orientadora: Prof^a. Dra. Paula da Silva Santos

Naviraí-MS

2023



ENDIVIDAMENTO E QUALIDADE DE VIDA: Um estudo na cidade de Naviraí

Caroline Emanuely da Silva

RESUMO

O índice de endividamento com relação à qualidade de vida é algo preocupante. Isso pode afetar a qualidade financeira dos indivíduos, e ocasionar distúrbios sendo esses relacionados com a depressão e ansiedade tornando assim um indivíduo sem uma qualidade de vida estável (SOUZA, 2019). O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre endividamento e qualidade de vida dos indivíduos. A pesquisa utilizou a abordagem quantitativa e descritiva. Para a coleta dos dados foi aplicado um questionário de 19 questões no Google Forms, obteve-se 102 respostas válidas. Os resultados demonstraram importantes achados como 7 em cada 10 indivíduos são afetados psicologicamente pelas dívidas, pois as possuem em excesso e mesmo não sendo inadimplentes, se consideram endividados, segundo achado importante foi que 52% dos indivíduos foram induzidos às compras, ou seja, o consumismo se faz presente na vida desses indivíduos e, por terceiro temos 3 em cada 4 indivíduos fazem novas dívidas para amenizar seus transtornos emocionais e com isso é visto que os indivíduos que já possuem transtornos de depressão e ansiedade possuem uma qualidade de vida menos estável em relação às suas dívidas.

Palavras-chave: Endividamento; Qualidade de vida; Finanças comportamentais; Ansiedade e Depressão.



1. INTRODUÇÃO

As dívidas são um fator que preocupa vários indivíduos, principalmente no contexto econômico contemporâneo, com o desemprego atingindo patamares altíssimos, onde de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) cerca de 10,1 milhões de brasileiros estão desempregados, juntamente com a inflação que castiga a população brasileira. Um levantamento realizado no ano de 2021 pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), mostrou que o índice de famílias com alguma dívida era de mais de 70%, um dos mais altos da história, a verdade é que um consumidor não se pode endividar infinitamente, isto é, apesar dos nossos desejos por bens serem infinitos, os nossos recursos não os são (MOREIRA, 2011). Assim, movidos por uma procura de obter bens e serviços que maximizem o seu bem-estar, e somando a grande complexidade e variedade de produtos financeiros que lhes são oferecidos, alguns consumidores cometem erros quanto aos seus investimentos (CAMPBELL, 2006).

Independentemente da natureza das dívidas, o impacto que elas causam na qualidade de vida vai muito além de noites sem dormir. Os impactos causados pelas dívidas podem causar nos indivíduos muitos transtornos, tais como a preocupação, medo, insegurança e incerteza com compras básicas afetam diretamente o estado mental desse indivíduo (KEESE, 2012). A atual complexidade das sociedades, obriga-nos a ver para além do PIB. Ganhar dinheiro não é o mais importante da vida. Citando Achim Steiner, administrador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, é preciso analisar “além dos rendimentos, além das médias e além do presente” (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA DESENVOLVIMENTO, 2020).

Para que vejam através da riqueza, ou para além do PIB é então necessário olhar para as vertentes relacionadas com o bem-estar dos cidadãos, como por exemplo o balanço vida-trabalho, as relações sociais e bem-estar subjetivo, à segurança pessoal, a saúde, a educação, os conhecimentos e as competências, a participação na vida cívica e governação e o ambiente, ou, como resumido pelo INE, a qualidade de vida (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2021).

A melhor compreensão das características do indivíduo endividado, propicia a formulação de melhores entendimentos com o objetivo de prevenir esse endividamento, consequentemente, a melhoria da saúde e qualidade de vida das pessoas. Pois a situação se torna agravante quando passa a ser impossível de ser arcada pelo indivíduo (KEESE, 2012) que deixa de ter controle de sua vida financeira, ou passa por momentos de estresse financeiro



em que as consequências impactam não somente em sua vida, mas em sua família e outros envolvidos no meio. Além do sobre-endividamento, existem situações em que o indivíduo não consegue efetuar o pagamento e acaba por não cumprir os termos acordados anteriormente. Esses são os casos de inadimplência, quando o devedor não cumpre com a sua obrigação financeira espontaneamente (NISUYAMA; NAKAMURA, 2015).

Percebe-se que se torna cada dia mais necessário discutir sobre a relação entre saúde financeira e saúde mental, mostrando assim os impactos do endividamento nas emoções de quem passa por essas situações. O endividamento, no entanto, não é a intenção, mas mesmo assim muitos indivíduos acabam tornando isso realidade e acabam sofrendo altos índices de estresse e ansiedade (REVISTA EXAME, 2021). Sendo assim o problema da pesquisa será: Como o endividamento compromete a qualidade de vida dos indivíduos? Nesse sentido, o presente estudo objetivou analisar a relação entre endividamento e qualidade de vida.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Finanças Comportamentais

O estudo das finanças comportamentais surgiu da necessidade de incluir aspectos psicológicos, na análise de comportamento dos mercados financeiros, uma vez que a teoria tradicional de finanças mantém a ideia de racionalidade dos agentes econômicos (REIS, 2019). De acordo com o estudo das finanças comportamentais, o psíquico do indivíduo é um dos principais colaboradores para situação do endividamento, mais do que a falta de crédito financeiro.

De acordo com Thaler (1981, apud LIMA, 2003), se pode definir Finanças Comportamentais como sendo finanças *open-minded*, pois se considera que os agentes não agem racionalmente todo o tempo. Os estudos realizados por essa área mostram que os agentes econômicos são, por diversas vezes, influenciados por fatores psicológicos. As Finanças Comportamentais investigam, ainda, a maneira por meio da qual os agentes tomam suas decisões, concluindo que estes tendem a utilizar regras que simplifiquem as situações nas quais se envolvem. Kahneman e Tversky (1974) demonstraram essa característica dos agentes ao apresentarem as heurísticas em sua pesquisa, onde estas podem ser lidas como “atalhos mentais”, que consistem em ações que buscam simplificar o processo de decisão.

Sob o ponto de vista psíquico, uma pessoa que está sempre endividada, também está endividada emocionalmente e acaba contraindo dívidas, porque compra para preencher uma lacuna emocional. As pessoas que vivem esse endividamento emocional, são influenciadas



por expectativas; frustrações; sonhos; desejos; insegurança quanto à opinião do outro, e não percebem o quanto sua capacidade de tomar decisões está comprometida (FIGUEIREDO, 2015). Mesmo sabendo da existência do endividamento muitos não sabem seu real significado e como pode prejudicar sua qualidade de vida, pois acham que o endividamento é apenas uma dívida que fica sem pagar, mas afinal de contas o que o endividamento?

2.2 Endividamento

O conceito de endividamento surge justamente pelo fato dos consumidores ou famílias recorrerem ao crédito (GUIMARÃES; ALMEIDA, 2013). As pessoas recorrem ao crédito para poderem sanar suas dívidas e despesas, que mesmo não podendo pagá-las persistem em fazê-las por influência de algo ou alguém. Outro fator que pode gerar assim o endividamento é a incerteza, pois isto diminui com que as pessoas tenham poupanças para situações de emergências (DYNAN KOHN, 2007). O termo endividamento pode então ser definido como o saldo devedor de um agregado familiar, sendo que este pode resultar apenas de um compromisso de crédito ou de mais do que um em simultâneo (LEITÃO MARQUES; FRADE, 2000). Com o aumento dos incentivos para consumo e compra também aumenta o endividamento das famílias. A lógica é que as pessoas não estão tendo escrúpulos e limites para seus gastos.

O consumo, em geral, não está atrelado somente à moeda, mas a todas as espécies de troca entre seres humanos (MACÊDO, 2016). Canclini (1999), diz que o consumo é o conjunto de processos socioculturais nos quais se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Se esse consumo se tornar descontrolado ocasionará o consumismo, levando a perdas do discernimento em relação ao que é necessário e o que é fútil, levando, muitas vezes, a um hábito de constantes compras supérfluas (FONSCECA, 2014).

Ainda de acordo com os autores é possível perceber uma expansão consumista e de endividamento nos últimos dez anos, mostrando que nem sempre o fomento da economia traz benefícios nas finanças domésticas. As situações de endividamento são preponderantes na população brasileira, inclusive pelo aumento do crédito nos últimos anos, o que levou a um aumento do consumo. Em 2019 o Brasil contava com 12,8 milhões de desempregados (IBGE, 2020) e, em 2020, 66,5% das famílias estavam endividadas (CNC, 2020).

Normalmente os casos de endividamento ocorrem quando são feitos empréstimos para adquirir bens, em casos de impossibilidade de arcar com as despesas e pagamentos de modo duradouro, sem que sejam feitas novas dívidas. Além do endividamento, também há a



inadimplência, que ocorre quando não é possível pagar um compromisso financeiro até a data de seu vencimento (MACÊDO, 2016). Não há, necessariamente, uma relação entre endividamento e inadimplência, uma vez que o endividamento excessivo gera a inadimplência. Além disso, o descumprimento nos pagamentos não é sinônimo de incapacidade de pagamento ou de falta de dinheiro, mas às vezes apenas da falta de vontade em realizar o pagamento e honrar o compromisso ou apenas a compra de outro tipo de mercadoria (MACÊDO, 2016).

Cabe destacar que o endividamento pessoal não é diretamente relacionado à renda, mas à forma como o indivíduo administra suas receitas, gastos e investimentos (CERBASI, 2003). Ou seja, ele surge de um descompasso entre consumo e renda, que tem origem, como vimos, principalmente em hábitos de consumo equivocados ou disfuncionais, mas também na ineficiência ou ignorância nas estratégias de tomada de decisão e nas finanças pessoais. Isso começa a afetar a qualidade de vida dos indivíduos e muitos deles nem sabem que isso afeta ou o que é ter uma qualidade de vida estável ou muito mesmo o seu real significado.

2.3 Qualidade de Vida

Qualidade de vida é um conceito subjetivo, multidimensional e dinâmico ao longo do tempo, que inclui uma variedade de domínios como, por exemplo, o bem-estar físico, funcional, social e emocional (STUDER et al., 2018). Não existe, portanto, uma definição universalmente aceita acerca deste termo. As definições variam entre autores que colocam a ênfase no bem-estar social, emocional e físico e aqueles que se debruçam sobre o impacto da saúde na vida diária (HILL, 2012).

A realidade é que a qualidade de vida é um termo muito complexo, que engloba o domínio físico, psicológico, as relações sociais e o ambiente onde uma pessoa se insere, é “a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, dentro do contexto dos sistemas de cultura e valores nos quais está inserido e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL GROUP, 1994). Por se tratar de um termo tão abrangente e multidimensional, muitas das definições confundem o conceito de qualidade de vida com bem-estar e satisfação com a vida (B. K. HASS, 1999).

A qualidade de vida pode ser então definida como a satisfação de um indivíduo com as dimensões da sua vida, quando comparada com a sua vida ideal (DALIA & RUZEVICIUS, 2007). Podemos dizer que a qualidade de vida está associada a diversas condições, situações,



ações, bens e modo de vida das pessoas. Para uma pessoa ter qualidade de vida, é necessário compreender seu cotidiano e o meio o qual está inserida. Um elemento fundamental ligado à qualidade de vida é a situação financeira da pessoa. Estudos apontam que três em cada dez pessoas sentem-se mais felizes quando possuem suas finanças controladas (PICCINI, PINZENTA, 2014).

A qualidade de vida está altamente relacionada com os transtornos emocionais, sendo ela estável ou não, principalmente com dois transtornos que são os mais comuns principalmente no nosso dia a dia como a ansiedade e depressão. Esses transtornos se relacionam entre endividamento e qualidade de vida de maneira muito simples que chega a impressionar os indivíduos, com isso é sempre importante entender essa relação e saber observar se passa por isso ou não.

2.4 Ansiedade e Depressão

No presente estudo o enfoque será dado a relação entre ansiedade e depressão e endividamento, embora existam diversas outras causas, onde temos estudos, como por exemplo uma pesquisa que foi feita em Cabo na Malásia em 2021, que comprovou o efeito do endividamento em quatro aspectos do bem-estar: económico, psicológico, físico e familiar. Situação está que culmina em problemas generalizados nos diversos aspectos de sua saúde física, psicológica/mental e social, como por exemplo, a piora em sua qualidade de vida e o desenvolvimento de sintomas de ansiedade e depressão (ZERRENER, 2007; BRIDGES; DISNEY, 2010; DRENTEA; REYNOLDS, 2010; TURUNEM; HIILAMO, 2014; WALSEMANN; GEE; GENTILE, 2015; BEMEL et al., 2016; MASELKO et al., 2018).

A relação entre ansiedade, depressão e endividamento é complexa e bidirecional. Ou seja, a ansiedade e a depressão podem levar ao endividamento e o endividamento pode piorar a ansiedade e a depressão. A ansiedade e a depressão podem levar ao endividamento de várias maneiras onde o estresse pode levar a gastos excessivos: quando as pessoas estão ansiosas ou deprimidas, elas podem usar o consumo como uma forma de lidar com suas emoções. Elas podem comprar coisas que não precisam ou não podem pagar (SOUZA; GUILHERME SANTOS, 2019).

A dificuldade de tomar decisões pode levar a más decisões financeiras: pessoas com ansiedade ou depressão podem ter dificuldade de tomar decisões, mesmo decisões simples. Isso pode levar a más decisões financeiras, como fazer empréstimos que não podem ser pagos; A perda de emprego ou renda pode levar ao endividamento, a ansiedade e a depressão



podem prejudicar o desempenho no trabalho, o que pode levar à perda de emprego ou renda. Isso, por sua vez, pode levar ao endividamento (SOUZA, GUILHERME SANTOS, 2019).

O construto ansiedade faz referência ao sentimento de nervosismo quando o indivíduo se depara com situações em que precisa lidar com dinheiro (RIMPLE et al., 2015). De acordo com os estudos de Hayhoe et al. (2012), no que se refere à poupança, a ansiedade se mostrou prejudicial em relação às atitudes referentes à administração das finanças pessoais, pois, as pessoas que tiveram menores níveis de ansiedade eram mais assertivas em seus comportamentos de gestão financeira. Complementarmente, cabe ressaltar que a ansiedade pode ser considerada um impulsionador interno de indivíduos que compram descontroladamente (MATOS; BONFANTI, 2016), sendo associada com aumento da compra compulsiva (DARRAT; DARRAT; AMYX, 2016).

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa tem abordagem quantitativa onde é feita a busca de dados que serão traduzidos em números para análises posteriores. A pesquisa quantitativa é um método de pesquisa social que utiliza a quantificação nas modalidades de coleta de informações e no seu tratamento, mediante técnicas estatísticas, tais como percentual, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, entre outros (MICHEL, 2005).

O tipo de pesquisa realizada para identificação dos dados foi a descritiva onde foi descrito um fenômeno e analisado as relações entre as variáveis. Os procedimentos desenvolvidos foram a pesquisa de campo que consiste em uma análise mais profunda de dados coletados de forma aleatória, podendo ser estudantes, desempregados, empresários e entre outros grupos, a técnica para coleta desses dados foi um questionário com dezenove perguntas desenvolvido no Google Forms, sobre os aspectos de endividamento e controle financeiro dos entrevistados, das perguntas, 3 foram retiradas de outros questionários já prontos, as demais foram elaboradas pela autora.

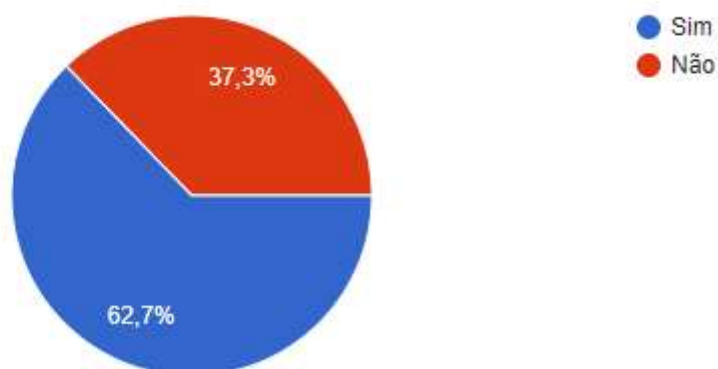
O questionário foi compartilhado para um grupo distinto de pessoas, sendo estudantes, desempregados, assalariados, autônomos e entre outros. Totalizou 102 respondentes válidos para pesquisa, tendo também 5 respondentes inválidos pois não completaram o questionário e não se adequaram com a pesquisa realizada.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

É possível ver, na “Figura 1”, que de todos os 102 entrevistados, 64 responderam que

se consideram uma pessoa endividada mesmo pagando suas contas em dia, o que corresponde a 62,7% das respostas obtidas. Os entrevistados alegam que mesmo pagando suas contas em dia eles se consideram endividados e não por não conseguir pagar suas contas e sim por terem contas demais, a ponto de não sobrar dinheiro para seu dia de lazer e até mesmo para as emergências.

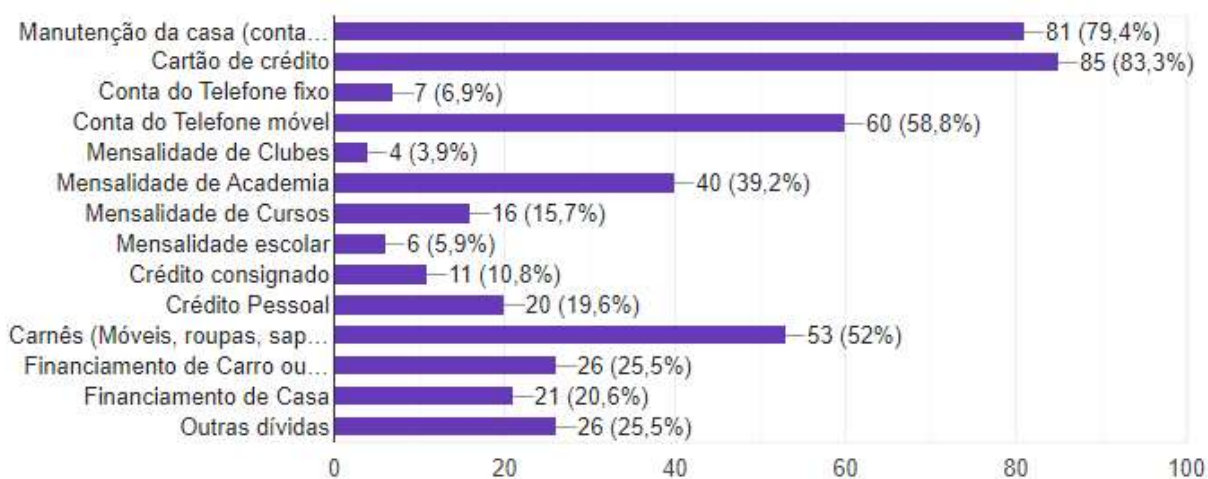
Figura 1 – Endividados mesmo com as contas em dia



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Diante disso na “Figura 2” temos o índice de contas que cada entrevistado possui, onde a que mais se sobressai é a dívida do cartão de crédito, sendo 85 pessoas afirmando que possuem dívidas nos cartões de crédito, o que corresponde a 83,3% dos entrevistados.

Figura 2: Tipos de contas que os entrevistados possuem.



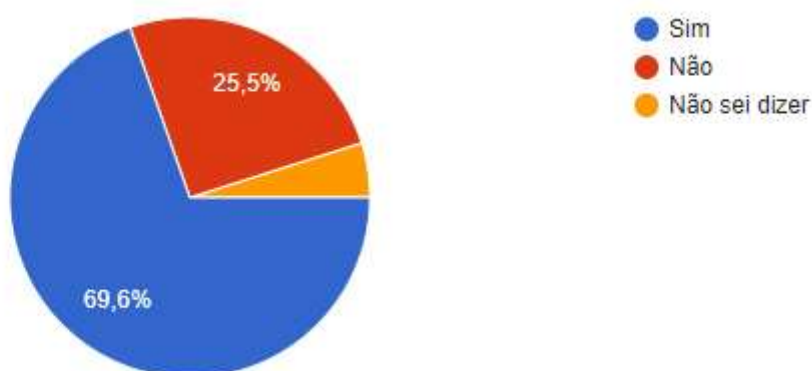
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Se, por um lado o cartão de crédito tem vantagens, como a possibilidade de não precisar

carregar grandes quantias de dinheiro em espécie, por outro a agilidade para pagamentos e a facilidade para a prática de consumo desenfreado podem tornar o uso do cartão uma prática desastrosa, se feita sem a devida educação financeira (FIGUEIREDO, 2003). Os entrevistados alegam que mesmo não podendo gastar acabam fazendo a dívida por que simplesmente ela será feita no cartão de crédito e conseqüentemente ela será quitada no próximo mês, ou até mesmo parcelada em quantas vezes o indivíduo optar.

Quanto ao ser afetado emocionalmente por essas dívidas a “Figura 3” apresenta que 69,6% se consideram afetados por elas, temos também 4,9% que não sabem informar se se sentem ou não afetados pelas mesmas.

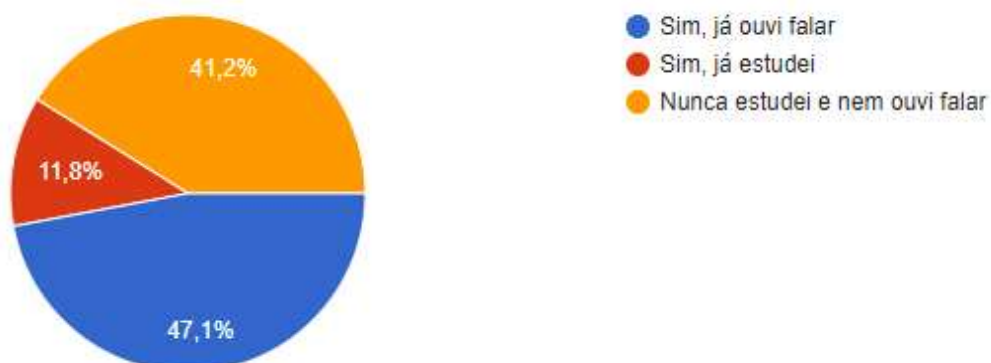
Figura 3: Transtornos emocionais causados pelas dívidas.



Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Com esse alto índice de indivíduos altamente prejudicados com o endividamento, parte deles não sabem ou nunca ouviram falar de finanças comportamentais correspondendo a 41,2% e outra parte de 47,1% já ouviram falar, mas apenas 11,8% dos entrevistados já estudaram sobre finanças comportamentais, conforme apresenta a “Figura 4”.

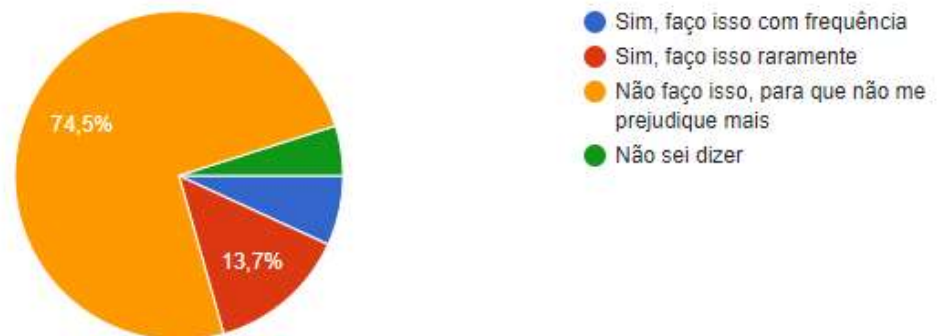
Figura 4: Nível de conhecimento sobre finanças comportamentais.



Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Mesmo sem o estudo correto sobre finanças e endividamento 74,5% dos entrevistados se rotulam a não gastar mais caso tenham um transtorno emocional diante suas dívidas, mas mesmo assim ainda temos 20,6% que não se preocupam e acabam sempre ou raramente fazendo novas dívidas, conforme apresenta a “Figura 5”.

Figura 5: Nível de Contas feitas para suprir um transtorno emocional

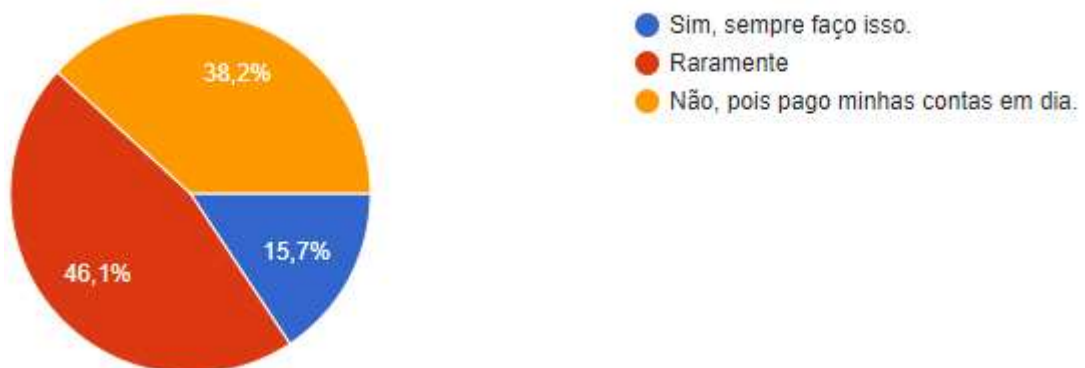


Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

O comportamento de consumo e o gasto direcionado a uma aquisição representa oportunidade de o indivíduo esquecer ou se eximir das frustrações, decepções e insuficiências da própria vida e suas relações. Tais indivíduos, com o intuito de fazer da compra um ato terapêutico, transformam o ato de comprar num transtorno compulsivo, cujas consequências se atrelam negativa e profundamente às mais diferentes áreas da vida (PEREIRA, 2010).

Grande parte dos entrevistados recorrem ao crédito para sanar suas dívidas, sendo que o total de 46,1% fazem isso raramente, 15,7% sempre fazem isso e 38,2% não fazem isso pois conseguem pagar suas dívidas sem necessidade de crédito, conforme apresenta a “Figura 6”.

Figura 6: Indivíduos que recorrem ao crédito para sanar suas dívidas

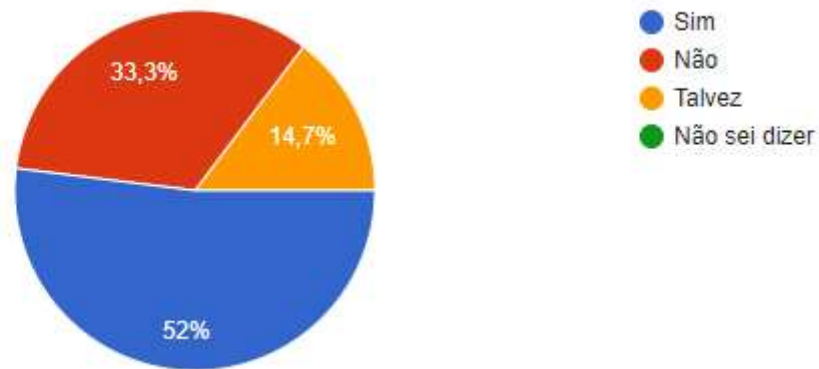


Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Isso significa que os indivíduos pagam suas contas em dia porque recorrem ao crédito para poderem pagar suas dívidas. As situações de endividamento são preponderantes na população brasileira, inclusive pelo aumento do crédito nos últimos anos, o que levou a um aumento do consumo. Em 2010, 75% das famílias brasileiras relataram sentir dificuldades para chegar ao final do mês com dinheiro sobrando (IBGE, 2021) e em 2016 cerca de 58 milhões de brasileiros estavam inadimplentes (SERASA EXPERIAN, 2021).

Na “Figura 7” é apresentado o índice de endividamento dos entrevistados que está ligado a compras que são feitas por que alguém ou algo o induziu a isso, sendo cerca de 52% dos entrevistados fazem isso e 33,3% não fazem isso pois sabem que isso pode nos afetar.

Figura 7: Compras feitas por que algo ou alguém o induziu.

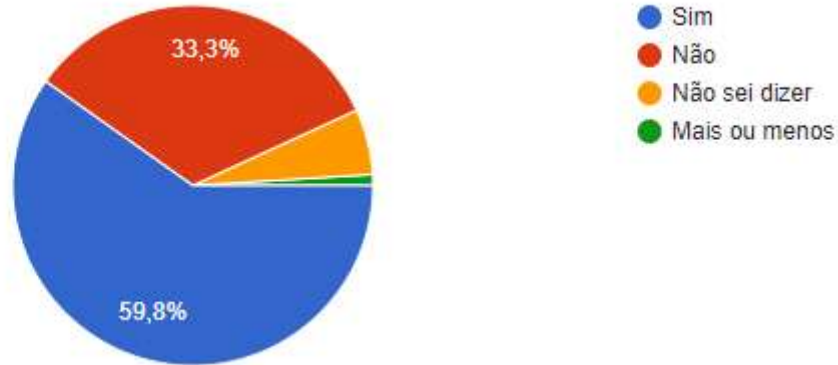


Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

De acordo com os entrevistados as compras são feitas por que algo ou alguém o induziu muitas das vezes por status ou até mesmo para se encaixar em certos padrões culturais. É nesse espaço de consumo desnecessário que muitas pessoas existem e afirmam a sua necessidade de demonstrar valor social e status, acabando por perder o controle sobre a tomada de decisões e o comportamento financeiro, às vezes sob o mero desejo ou pretexto de pertencer a uma classe de maior status (MACÊDO, 2016).

Sobre qualidade de vida, a “figura 8” apresenta que 59,8% se consideram com uma boa qualidade de vida, 33,3% não se consideram com uma boa qualidade de vida e 5,9% não sabem dizer.

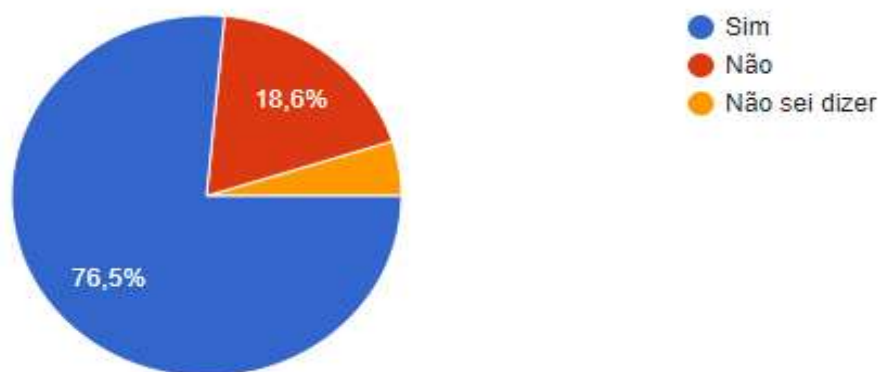
Figura 8: Indivíduos que se consideram com qualidade de vida estável.



Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Os indivíduos se consideram com qualidade de vida estável, se falando em qualidade de vida no modo geral. Mas quando se pergunta diante a sua situação financeira e se ela implica ou não na qualidade de vida, as respostas são diferentes, como é apresentado na “figura 9” onde alega que a situação financeira implica drasticamente na qualidade de vida dos entrevistados, correspondendo a 76,5% que responderam que se sentem prejudicados pela mesma.

Figura 9: Quanto o endividamento implica na qualidade de vida.

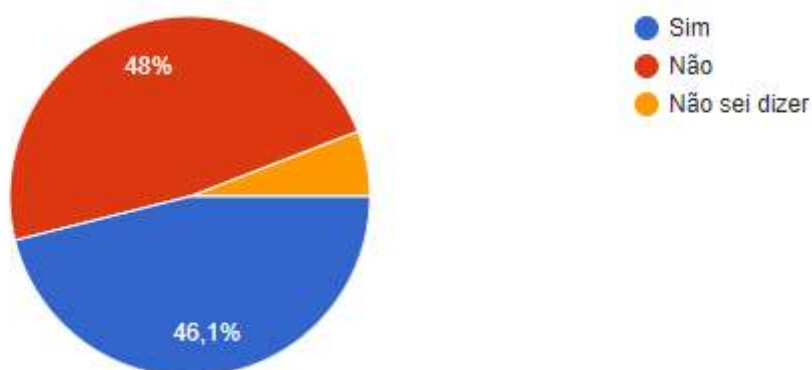


Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Em questão de ansiedade, depressão e qualidade de vida os entrevistados ficaram divididos em ter crises ou não como apresenta a “figura 10”, que corresponde a 48% (49 indivíduos) que não tiveram crises de ansiedade e até mesmo depressão e 46,1% (47

indivíduos) que já tiveram crises de ansiedade ou até mesmo depressão e 5,9% (6 indivíduos) não sabem dizer.

Figura 10: A situação financeira implica em que os indivíduos tenham crises de ansiedade ou depressão.



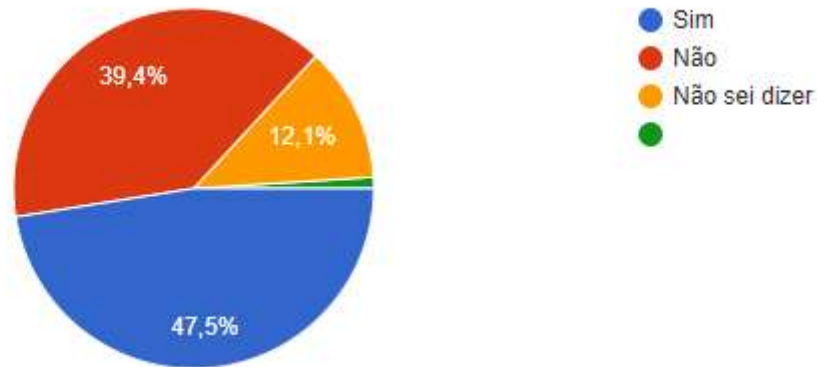
Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

De acordo com esse dado temos a seguinte análise, de que para essas pessoas que responderam que desenvolveram esses transtornos emocionais, o dinheiro e suas dívidas é algo extremamente importante e que com o excesso de dívidas e a escassez do dinheiro fica difícil se ter uma qualidade de vida estável. Nas sociedades capitalistas, como a que vivemos, o dinheiro é visto como sinal de sucesso, bênção; está associado a poder; talento; independência; bem-estar. E a falta dele é associada a fracasso; inadequação pessoal; estupidez e até falta de caráter. O dinheiro afeta o sentido mais profundo de identidade e autoestima; gera sentimentos de controle ou dependência. Pode provocar ansiedade; inveja; culpa; depressão; pânico; medo e insegurança, ao despertar comparações entre as pessoas. E não são poucos os casos de endividamento em níveis insolúveis, para tentar passar uma imagem irreal de si mesmo e não se sentir em posição inferior (FERREIRA, 2008).

Quando falamos de indivíduos que já possuíam esses transtornos e o endividamento fez com que isso piorasse temos uma grande diferença de resultados, onde 47,5% alegam que seu índice de endividamento fez com que suas crises de ansiedade e a depressão piorasse e 39,4% alegaram que não os afetam ou pioraram e 12,1% não sabem dizer ou argumentar sobre isso, conforme apresenta a “figura 11”.

Figura 11: A situação financeira fez com que piorasse as crises de ansiedade ou depressão (Caso os

indivíduos já sofressem desses transtornos)



Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Estamos inseridos em uma sociedade capitalista, onde as pessoas são expostas diariamente a uma infinidade de produtos e serviços. Empresas bombardeiam frequentemente a sociedade com campanhas de marketing, levando os consumidores a aquisição demasiada de bens, muito além do necessário, buscando manutenção de status sociais e padrões de consumos elevados, conseqüentemente, os indivíduos estão desenvolvendo doenças como: depressão e ansiedade. (LEITE & SANTOS, 2007). O fato de estarmos na era da tecnologia e do consumismo, ficou cada vez mais comum esses índices de transtornos aumentarem e fazer com que os indivíduos demorem a notar que eles aumentaram, os entrevistados alegam que só perceberam o endividamento estava fazendo com que seus transtornos aumentassem quando pararem e fizeram uma autoanálise e assim puderam tirar suas conclusões de si mesmo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão do endividamento não é tarefa fácil, suas causas e conseqüências não residem apenas em um ou dois fatores, sendo um produto do encontro de elementos sociodemográficos e da personalidade do indivíduo (GUTTER & COPUR, 2011), e suas conseqüências superam os aspectos financeiro, ocasionando desequilíbrio físico e mental.

Desta forma, o presente trabalho teve como objetivo analisar a relação entre endividamento e qualidade de vida. Para que isso fosse possível optou-se por recorrer a uma metodologia quantitativa, tendo os dados recolhidos através de um questionário e posteriormente analisados os dados, questionário desenvolvido através do Google Forms, foi observado o nível de endividamento, uso do crédito sobre suas contas e quanto o

endividamento afeta na vida dessas pessoas.

O endividamento está cada vez mais presente na realidade da população brasileira, sendo que na última década o número de pessoas endividadas cresceu consideravelmente, impulsionado principalmente pela flexibilização do crédito, levando recursos financeiros complexos para famílias que antes não tinham acesso. Além do entendimento do perfil de endividamento de cada entrevistado, vale ressaltar os impactos não financeiros causados por essas dívidas, onde pode ocasionar o desequilíbrio mental e físico como foi descrito na análise de dados feita acima e esse desequilíbrio pode afetar tanto a família quanto a própria sociedade.

O resultado dessa pesquisa foi reforçado com duas perguntas principais para estabelecer a relação entre impactos mentais causados pelo endividamento e onde foi identificado um impacto significativo nos indivíduos, podemos afirmar que o endividamento piora sim a qualidade de vida.

O acesso à Educação Financeira, pode ser sim um norte para cessar o endividamento pois ela é um diferenciador para o desenvolvimento de hábitos de consumo mais conscientes; gastos mais controlados e maior coerência na administração das contas pessoais e domésticas. Ou seja, a Educação Financeira é o principal caminho para conscientização de consumo e combate ao endividamento.

Na análise feita, notou-se que 7 em cada 10 indivíduos são afetados psicologicamente pelas dívidas, pois as possuem em excesso e mesmo não sendo inadimplentes, se consideram endividados, segundo achado importante foi que 52% dos indivíduos foram induzidos às compras, ou seja o consumismo se faz presente na vida desses indivíduos e por terceiro temos que 3 em cada 4 indivíduos fazem novas dívidas para amenizar seus transtornos emocionais e com isso é visto que os indivíduos que já possuem transtornos de depressão e ansiedade possuem uma qualidade de vida menos estável em relação às suas dívidas.

Nota-se que se os indivíduos tivessem o acesso à educação financeira, vulgo as finanças comportamentais, o resultado sim poderia ser diferente pois a educação financeira é algo extremamente importante para os indivíduos que se encontram endividados sendo também um dos pilares para o endividamento, pois sem o conhecimento da mesma ele ocorre de maneira drástica. Mas também é necessário o entendimento, sobre os transtornos emocionais, o que os causam e seus danos, pois uma dívida é um lembrete de que, às vezes, as escolhas financeiras que parecem boas no momento podem ter consequências negativas a



longo prazo.

Este trabalho, como qualquer outro, não é isento de limitações. À semelhança de outros estudos desenvolvidos sobre a mesma temática, os resultados encontrados foram baseados em respostas autorretratadas, onde é a própria opinião do indivíduo sobre sua própria qualidade de vida e endividamento. Existindo também inúmeras definições sobre o endividamento, existe também alguma evidência de que a relação entre a qualidade de vida e o endividamento pode estar relacionada com a tensão financeira e não o facto em si de se deter dívidas.

Outra limitação está relacionada com as respostas obtidas pelo questionário, pois foram obtidas online, através de um questionário digital, e tendo em conta o nível de intimidade das questões colocadas podem existir respostas mais otimistas do que a realidade. O estudo também revelou resultados contraditórios de outros estudos entre o endividamento, qualidade de vida e transtornos emocionais (ansiedade e depressão). No entanto, mesmo sendo feito uma avaliação em um público pequeno foi de suma importância esses dados obtidos para elaboração de estudos futuros.

Assim sugere-se a realização de uma análise de carácter semelhante e até em diferentes populações para que se verifique se os resultados obtidos são idênticos e até mesmo estudo futuros com temáticas similares aos dados obtidos e o tema trazido nas considerações finais sobre educação financeira e sobre o entendimento dos transtornos emocionais, estudos que falam sobre real importância, significância e relevância no nosso meio e principalmente diante aos endividados, depressivos e ansiosos.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sheila Cristiane Vieira. **Finanças comportamentais: quando as finanças se encontram com a psicologia**. Universidade Federal do Ceará, 2019.

ALMEIDA, Igor; Andrade, Vania. **OS FATORES PSICOLÓGICOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO DE ENDIVIDAMENTO SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ECONÔMICA**. CADERNOS DE PSICOLOGIA, v. 4, n. 7, 2022.

GONÇALVES, Souza, Suelen. **A educação financeira Frente ao Consumo e Endividamento das Famílias Brasileiras**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

IMPACTOS EMOCIONAIS DO ENDIVIDAMENTO: RELAÇÃO ENTRE BOLSO E MENTE. Exame, 2021. Disponível em: <https://exame.com/columnistas/meu-acerto/impactos-emocionais-do-endividamento-a-relacao-entre-o-bolso-e-a-mente/>. Acesso em 07 de dezembro de 2023.

KEESE, Matthias. Who feels constrained by high debt burdens? Subjective vs. objective measures of household debt. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 1, p. 125-141, 2012.

LOPES, Daniela. **O Impacto Do Endividamento Na Qualidade De Vida**. Universidade Católica Portuguesa, 2022.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (2020). **Relatório do Desenvolvimento Humano 2020: A próxima fronteira**. Disponível em <https://www.hdr.undp.org/en/content/human-development-report-2020>. Acesso em 07 de dezembro de 2023.

REIS, Susana Costa. **A influência do estado emocional nas decisões de consumo e na administração das finanças pessoais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis) - Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ROHLING, Angélica Schneider; Mariutti, Fabiana Gondim; Dezordi, Lucas Lautert. **A EDUCAÇÃO FINANCEIRA SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA ATITUDE: QUAL A PERCEPÇÃO DA GERAÇÃO Z?** Universidade Positivo, 2022.

SILVA, Adriana Cristina et al. **Qualidade de vida e endividamento**. Desafio Online, v. 8, n. 2, 2020.

SILVA, Michelle Machado. **Um estudo sobre os precedentes do uso compulsivo do cartão de crédito**. 2020.

SILVA, Lucas Emiliano da. **Finanças pessoais: uma análise sobre o endividamento e a inadimplência das famílias brasileiras**. 2021

SOUZA, Guilherme Santos; Rogers, Pablo; Rogers, Dany. **Endividamento, qualidade de vida e saúde mental e física**. Encontro Gestão e Negócios, 2019.



TAKAYMA, Mytiê, Gabriela. **Saúde mental e trabalho: panorama das ações e programas desenvolvidos nas instituições financeiras, a partir da perspectiva de profissionais da área de saúde e segurança.** Universidade de São Paulo, 2021.